

## ***Peregrinação Nacional do CPM***

*18 e 19 de fevereiro de 2017*

*Fátima*

### Na Celebração do Centenário das Aparições

#### Introdução

«A Mensagem de Fátima na espiritualidade da Família» é o tema que congrega esta Peregrinação. A feliz ocasião do Centenário das Aparições da «Senhora mais brilhante que o sol» a três crianças, aqui em Fátima, é motivo para pensar a verdade da família cristã a esta luz que esparge de Nossa Senhora.

De olhar fito na Senhora de Fátima, queremos, famílias de Portugal, escutar os seus apelos insistentes à oração: «Rezem o terço todos os dias para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra»; bem com os apelos do Anjo de Portugal: «Orai! Orai muito! Os corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia.» A oração é central na Mensagem de Fátima e ecoa até aos nossos dias como apelo dirigido às famílias. E, entre nós família CPM Nacional, ecoa como imperativo, para que ajudemos os jovens casais que se preparam para o Sacramento do Matrimónio a aprender a oração como estilo de vida a dois e em família.

Disponho esta partilha em dois pontos: partindo do Evangelho: «Senhor, ensina-nos a rezar!» (Lc 11, 1); a Família, Igreja doméstica – escola de oração. Não sendo eu um académico, mas um pastor ocupado na guarda do rebanho, como o profeta Amós (Am 7, 14), pouco hábil na arte das letras, partilho convosco estas humildes reflexões e agradeço a vossa caridade para comigo. Sirvo-me, sobretudo, do ensinamento dos últimos Papas. Neles fui beber as ideias que convosco aqui quero partilhar. Não é, de modo nenhum um estudo exaustivo sobre o que eles disseram sobre a família e a oração. Antes, é resultado da leitura que fiz e da minha partilha pessoal das emoções e sentimentos que tais leituras me despertaram.

Naturalmente, pesa não ser este um testemunho, o que vos direi de seguida, é também a expressão da minha vivência como filho de uma família cristã, onde a oração e a celebração da Eucaristia ao Domingo sempre foram essenciais.

1. Partindo do Evangelho: «Senhor, ensina-nos a orar como João Batista também ensinou os seus discípulos» (Lc 11, 1-a).

Quero partir do Evangelho, de onde sempre havemos de iniciar na vida da Igreja. E tomar, como mote, o pedido daquele discípulo, sem nome e por isso bem pode ser cada um de nós. Ao ver Jesus em oração, em íntima comunhão de amizade com o Pai, aquele discípulo sente o desejo de também participar dessa intimidade, privar da mesma amizade, viver a igual comunhão.

«Senhor, ensina-nos a rezar.» Parece, assim, evidente que a oração cristã é uma arte que se aprende na escola do Mestre. Não é um qualquer devaneio da mente, ou um exercício de individualismo espiritual, tão pouco um fenómeno de multidão anónima, sem rosto e sem identidade. A Oração cristã aprende-se com Jesus. Convido-vos a visitar o modo como Jesus rezava.

No seu luminoso magistério, o Papa Bento XVI deixou-nos, nas catequeses de quarta feira, um ensinamento profundo sobre a oração. No dia 30 de novembro de 2011, o Papa ensinava: «Na oração, Jesus vive um contacto ininterrupto com o Pai, para realizar até ao fim o desígnio de amor pelos homens.» Para Jesus, a oração não era um intervalo à vida, tão pouco um momento, mas «um contacto ininterrupto com o Pai». E continuava, na mesma catequese, o Santo Padre: «*O ensinamento de Jesus sobre a oração deriva, sem dúvida, do seu modo de rezar, adquirido em família, mas tem a sua origem profunda e essencial no seu ser o Filho de Deus, na sua relação singular com Deus Pai. À pergunta: De quem aprendeu Jesus a rezar?, o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica assim responde: «Jesus, segundo o seu coração de homem, foi ensinado a rezar por sua Mãe e pela tradição judaica. Mas a sua oração brota de uma fonte secreta, porque Ele é o Filho eterno de Deus que, na sua santa humanidade, dirige a seu Pai a oração filial perfeita» (n. 541).*»

Aprender na escola de Jesus a oração cristã significa, em primeiro lugar, ir ao encontro da sua humanidade acolhida no seio de uma família, onde crescia «em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.» (Lc 5, 22) Bento XVI disse-o de forma clara e não podemos esquecer: «O ensinamento de Jesus sobre a oração deriva, sem dúvida, do seu modo de rezar, adquirido em família». Quando hoje repetimos: «Senhor, ensina-nos a rezar», havemos de saber olhar para a Família de Nazaré.

E sobre o ambiente de oração da Sagrada família, o Papa Paulo VI, num discurso em Nazaré, em 1964, declarava: «*Em primeiro lugar ela ensina-nos o silêncio. Oh, se voltasse a nascer em nós a estima pelo silêncio, atmosfera admirável e indispensável do espírito: enquanto ainda estamos deslumbrados por tantos clamores, ruídos e vozes estrondosas na vida perturbada e tumultuosa do nosso tempo. Oh, silêncio de Nazaré, ensina-nos a permanecer firmes nos bons pensamentos, absorvidos na vida interior, prontos a sentir bem as inspirações secretas de Deus e as exortações dos verdadeiros mestres*»

Talvez os tempos hodiernos reclamem das famílias cristãs capacidade de fazer silêncio. Mas um silêncio diferente dos amuos e das zangas. Um silêncio habitado pela presença terna do Senhor e vivificado pelo Espírito Santo que fortalece a união e potencia a comunicação, mesmo sem palavras e sem ruídos. O excesso de ruído na sociedade torna difícil criar ambientes de oração que possibilitem o encontro a três. A ‘palavrite aguda’ de que todos sofremos, não favorece o silêncio como atitude. Uma casa cheia de televisões, a rede de internet em toda a casa, torna difícil que em casa haja silêncio. Torna-se, por isso, necessário que na caminhada de preparação para o Matrimónio como vocação, haja tempos e espaços de silêncio, que possibilitem a escuta um do outro e sobretudo do Outro e

potenciem uma resposta generosa, consciente e consistente. Não tenhamos medo do silêncio. Ousemos proporcionar às gerações mais novas a experiência do silêncio orante e do encontro com o Senhor que os chama a uma vida feliz.

Das referidas catequese sobre a Oração, no dia 28 de dezembro de 2011, o Papa Bento XVI, ao falar da oração na Sagrada Família, dizia: «Assim, no ritmo dos dias transcorridos em Nazaré, entre a casa simples e a oficina de José, Jesus aprendeu a alternar oração e trabalho, e a oferecer a Deus também a fadiga para ganhar o pão necessário para a família.» Assim continua Jesus a ensinar a rezar os seus discípulos desta hora. E deixa-nos bem claro que a oração não se divorcia da vida. A oração cristã acolhe a vida inteira e leva luz, graça e santidade para a vida. Porventura, esta seja uma tarefa árdua na missão da Igreja, ensinar os seus filhos, a começar pelas jovens gerações, que a oração para ser como Jesus a ensinou há de conter a vida toda, para que toda a vida seja permeada pela graça e pela presença terna de Deus.

Naquela primeira catequese citada, Bento XVI aludia à oração de Jesus como expressão essencial do seu ser «Filho» de Deus. Jesus fala com Deus como um filho fala a um pai. Jesus não é um estranho diante de Deus. Jesus é o Filho que procura no coração do Pai a força de todas as horas e a missão em cada acontecimento. «Jesus é o modelo de oração oferecido aos discípulos. Por isso, aparece a rezar sozinho ao Pai (Lucas 11,1), totalmente voltado para o seio do Pai (João 1,18), completamente ocupado nas Realidades do Pai (Lucas 2,49), repousando toda a sua existência no Pai.» (D. António Couto – Mesa da Palavra, julho, 23 de 2016)

Essa profunda consciência de ser Filho como «fonte secreta» da sua intimidade foi-nos deixada na Oração do Pai Nosso. E, nesta oração, como diz o Bispo de Lamego, D. António Couto, «Como bem se vê, não se trata de uma lição teórica, mas da comunicação de uma experiência, de um segredo, de um tesouro, de uma intimidade. Rezar é orientar a nossa vida toda para Deus, a quem tratamos carinhosamente por 'Abba', nome de radical ternura, simplicidade, verdade, confiança e dependência»

Daqui decorre, que a oração cristã aprendida na escola de Jesus há de nos inserir na intimidade de filhos, no Filho, diante de Deus nosso Pai. Quanto caminho a percorrer para que os nossos jovens, como toda a Igreja, tomem consciência de que são filhos de Deus e vivam essa consciência feliz, confiante, em doação e entrega à vontade amorosa do Pai da ternura e da misericórdia para cada um de nós! Quanto caminho a fazer na catequese e na liturgia para que a oração que aprendemos e ensinamos não se resume a formulas ou a esquemas sem intimidade e sem autenticidade! Também a caminhada CPM há de ter em conta que o acompanhamento no discernimento vocacional para o Matrimónio se fará trilhando as sendas da oração, como Jesus nos ensina.

## 2. A Família, Igreja doméstica – Escola de Oração

Num pequeno livro, *O Evangelho da Família*, o Cardeal Walter Kasper deixa-nos a definição bela e aponta para o conteúdo essencial relativo a esta expressão, tantas vezes usada –Família, Igreja doméstica. «Como definir essas Igrejas domésticas? São uma “Igreja pequena no interior da Igreja”. Tornam a Igreja local presente na vida concreta das pessoas.» Participando, em virtude do Batismo e da Confirmação, da missão sacerdotal, profética e real da inteira Igreja de Jesus Cristo, as famílias realizam de modo belo e tão concreto, como o é a vida de cada família, a condição evangélica de que, onde dois ou três se reúnem em nome de Cristo, Ele está no meio deles (Cf. Mt 18, 20).

É essa presença de Cristo, na Igreja, como em cada família, que faz das famílias verdadeiras Igrejas domésticas e, por conseguinte, como alerta o Sr. Cardeal, «não apenas objecto, mas também sujeito da Pastoral» e eu acrescento, com a expressão que ouvi há dias, «sujeito da pastoral em chave familiar». É à luz deste princípio que me proponho, de seguida, sublinhar alguns pontos deixados pelo Papa Francisco, sobre a Família e a Oração, na recente Exortação Apostólica, *A Alegria do Evangelho* e numa catequese feita em 26 de agosto de 2015 e também a partir do seu discurso às famílias, por ocasião do jubileu das famílias no ano da fé.

Neste documento, *A Alegria do Amor*, incontornável para a pastoral da Igreja e de modo especial na pastoral familiar, o Papa Francisco desafia a Família a viver a sua verdade como Igreja doméstica alicerçada na alegria do amor. Como vértice desta alegria cristã de viver em família está a oração. Francisco, no seu estilo prático, diz de modo tão simples que todos entendemos: «*Podem-se encontrar alguns minutos cada dia para estar unidos na presença do Senhor vivo, dizer-Lhe as coisas que os preocupam, rezar pelas necessidades familiares, orar por alguém que está a atravessar um momento difícil, pedir-Lhe ajuda para amar, dar-Lhe graças pela vida e as coisas boas, suplicar à Virgem que os proteja com o seu manto de Mãe. Com palavras simples, este momento de oração pode fazer muito bem à família.*» (AL, 318).

O Papa insiste muito na oração familiar, como oração que une a família. É particularmente interessante o conselho que o Papa dá às famílias sobre este rezar unidos. «Rezais algumas vezes em família? Alguns, eu sei que sim. Mas, muitos me perguntam: Mas, como se faz? (...) para rezar em família, é necessária simplicidade! Rezar juntos o “Pai Nosso”, ao redor da mesa, não é algo extraordinário: é fácil. E rezar juntos o Terço, em família, é muito belo; dá tanta força! E também rezar um pelo outro: o marido pela esposa; a esposa pelo marido; os dois pelos filhos; os filhos pelos pais, pelos avós... Rezar um pelo outro. Isto é rezar em família, e isto fortalece a família: a oração.» (Homilia do Papa Francisco, 27 de outubro de 2013).

No entanto, na preparação deste encontro, encontrei aquele que me parece ser o tesouro do pensamento do Papa Francisco sobre a oração e a família. Na catequese do dia 26 de agosto de 2015, falando sobre este tema, o Papa coloca a oração sob o signo do amor. Vou deixar que seja o Papa a dizê-lo com as suas palavras: «o coração humano procura sempre a oração, até sem o saber; e se não a encontra não tem paz. Mas para que se encontrem é preciso cultivar no coração um amor «fervoroso» a Deus, um amor afectivo.» Precisamos de pensar nisto. Já o dizia Santo Agostinho: «o meu coração anda inquieto». Sentimo-lo todos e todos os dias como andamos inquietos, não encontramos paz. Pois bem, o Papa constata: o coração humano, mesmo sem o saber, procura a oração como fonte de paz. Mas a chave que nos dá acesso à oração, mais que uma vontade ou uma decisão, é o amor a Deus.

Vem-me à mente aquela afirmação de São Paulo «Ora, como hão-de invocar aquele em quem não acreditaram? E como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem alguém que o anuncie?» (Rm 10, 14) Imenso desafio nos é agora colocado. Falar da oração em família, verdadeira Igreja Doméstica, significa iniciar um percurso de verdadeira Nova Evangelização, sabendo perscrutar esse anseio no coração dos homens nossos irmãos, esse desejo de Deus, ainda que inconsciente. Não podemos passar ao lado deste desafio, tão pouco continuar em tempos novos com linguagem arcaica. Toda a Pastoral, em especial a Pastoral Familiar e de modo ainda mais particular, o CPM há-de proporcionar aos nossos jovens e aos casais que se apresentam para celebrar o Sacramento do Matrimónio um verdadeiro percurso de anúncio efectivo de Jesus Cristo, que lhes proporciono aquele «encontro» de que falava Bento XVI, para que neles desperte a fé e os possa ajudar a tomar consciência desse desejo de oração, de que fala o Papa Francisco, motivado por um amor fervoroso e afectivo.

É no afeto que Francisco coloca o assento, falando da «carícia» de Deus e indicando-o como caminho primeiro para a oração. «Conseguimos pensar em Deus como a carícia que nos mantém em vida, antes da qual nada existe?», pergunta o Papa, para logo de seguida concluir: «Mas só quando Deus é o carinho de todos os nossos afectos, o significado destas palavras torna-se pleno. Então sentimo-nos felizes, e até um pouco confusos, porque Ele pensa em nós mas sobretudo ama-nos! Não é impressionante? Não é impressionante que Deus nos acaricie com amor de pai? É muito bonito! Podia simplesmente fazer-se reconhecer como o Ser supremo, apresentar os seus mandamentos e esperar os resultados. Mas Deus realizou e realiza infinitamente mais do que isto. Acompanha-nos no caminho da vida, protege-nos, ama-nos.»

Não tenhamos medo dos afetos. Se olharmos para as páginas dos Evangelhos, na procura de Jesus de Nazaré, aquele homem, Filho de Deus, vamos descobrir inúmeros gestos e palavras de verdadeiro afeto, de íntima comoção. Jesus toca as feridas da humanidade, está próximo de cada miséria e de cada necessidade, chega perto dos pobres, dos leprosos, dos mal cheirosos, dos últimos e toca a sua realidade com verdadeiro amor.

Foram os gestos de afeto, de ternura e verdadeira compaixão que mostraram a presença e esta proximidade afectuosa de Deus aos seus filhos.

A oração em família, brotando desta expressão afectiva do amor de Deus, já não é uma obrigação, uma imposição exterior ou de tradição. Mas será a resposta pronta de uma vida que se sente amada, acarinhada, acompanhada, protegida pelo amor de Deus. A oração é a resposta generosa e agradecida dos filhos amados pelo Pai. E, quando esta envolve toda a família, espontaneamente, como espontâneos são os afetos, então é toda a vida familiar que é «envolvida no ventre do amor de Deus».

### Conclusão

É muito urgente, na cultura hodierna, educar para os afetos, para que possamos aprender a rezar, na escola de Jesus. Já percebemos que o homem contemporâneo continua a pedir: «ensina-nos a rezar». Está inscrito no seu coração inquieto este desejo de oração. E também já aprendemos do Papa Francisco que a oração nasce do amor fervoroso, afetivo a Deus. Então, é natural o caminho que havemos de seguir. Precisamos de ensinar os afetos de Deus. É urgente ajudar as famílias a descobrirem-se como casa onde Deus mora e, como a mãe e o pai, ocupa-se de cada um e de todos, cuida com amor e carinho de cada um e de todos, acompanha cada um e todos, protege cada um e todos.

Famílias serão Igrejas Domésticas quanto mais forem escolas de aprendizagem dos afetos divinos e, por conseguinte, verdadeiros oásis de vida cristã alimentada pela oração, a escuta da Palavra de Deus, a participação ativa e frutuosa na Eucaristia e nos Sacramentos e viverem a caridade como expressão sensível da «carícia» de Deus por todos os homens. Teremos famílias, verdadeiras Igrejas Domésticas, quando, em Igreja formos ousados a, como Jesus, ensinar os seus filhos a rezar.

Pe. Paulo Jorge